

# A vida de Maria explica a vocação política

Percorrendo as principais etapas da vida de Maria, mãe de Jesus, pode-se traçar uma espécie de “caminho” no qual o político pode identificar as etapas da própria caminhada

Antonio Maria Baggio

O cotidiano de um político é, em geral, frenético, cheio de encontros, compromissos, prazos e decisões rápidas. Dia após dia, desenrola-se uma história em que não faltam os momentos de satisfação e de sucesso; mas tampouco os de desilusões e de derrotas. É sobretudo nos momentos críticos que se sente a necessidade de parar, de retomar nas mãos a própria vida, para verificar em qual direção se está indo. É nestas ocasiões que Maria se revela como modelo também para o político.

Maria, como nos é apresentada por Chiara Lubich e como se manifesta na experiência política do Movimento Político pela Unidade (ler na pág. 20), assumiu um papel central, seja na doutrina como na ação; tanto que os poucos passos do Evangelho nos quais Maria é citada nos parecem, hoje, ricos e inesgotáveis, e capazes de traçar uma espécie de “Caminho de Maria” para o político. Vejamos algumas etapas.

## Anunciação – a vocação política

O ingresso de Maria na história humana, como nos conta o evangelista Lucas, aquele que nos transmitiu o episódio da Anunciação, é absolutamente incomum: o anjo se dirige a ela com uma saudação (“Alegra-te, cheia de graça!”),

Lc 1,28), que os profetas do Antigo Testamento usaram somente quando falaram à “Filha de Sião”, isto é, a todo o povo de Israel. Aqui, Maria representa toda a nação. Este fato nos revela que o que está para acontecer com Maria não diz respeito somente a ela, não é um acontecimento privativo, mas, por meio dela, é público e universal.

Mas, então, quem é realmente Maria e a quem ela representa? É a resposta dela que nos explica isso: “Eis aqui a serva do Senhor!” (Lc 1,38): a serva, quer dizer a humilde, a pobre. Com estas palavras Maria não revela somente uma disposição interior, mas exprime uma realidade: apresenta-se como meta do longo caminho da pobreza, que tinha atravessado a história de Israel e que tinha arrancado promessas de justiça e de salvação da parte de Deus; e chega até a compreensão da pobreza como fato espiritual, a tal ponto que faz do pobre não o desprezado, mas o predileto de Deus.

Quem está empenhado na política conhece bem esse momento da anunciação, que podemos considerar como a primeira etapa da sua caminhada. É o momento do chamado, quando o político descobre a existência de um problema, de uma necessidade humana, de uma pobreza, e decide dedicar-se à solução desse problema, dar a própria vida pela sua gente. O “sim” do político põe em ação, como em Maria, uma “inversão” da situação: a injustiça, os direitos violados, o conflito, o chamam e fazem com que surja nele o desejo da justiça, da dignidade humana, da paz. A partir desse momento, a sua vida se torna uma tentativa de construir na história aquilo que já é realidade dentro dele.

#### *Magnificat* – o programa político

Depois da anunciação, Maria vai ter com a sua prima Isabel. É diante dela que pronuncia o *Magnificat*. Ao mesmo tempo que ela revela o desígnio de Deus na história, ela fala de si, daquela que é chamada a realizar esse projeto: “Dispensou os que têm planos orgulhosos no coração. Derrubou os poderosos de

seus tronos e exaltou os humildes. Encheu de bens os famintos, e mandou embora os ricos de mãos vazias. Acolheu Israel, seu servo, (...)” (Lc 1,51-54). A hierarquia social do mundo antigo, estratificada como consequência do pecado, é espiritualmente derrubada.

O *Magnificat* é o programa político de Maria, é o projeto de Deus para a história, que o Movimento Político pela Unidade adotou. E como em todo programa autêntico, no *Magnificat* está indicado um *sujeito* que o realiza: é a própria humanidade, no seu todo, homens e mulheres, de todas as raças, religiões e culturas. Maria reúne e representa em si essa humanidade: na sua história de sofrimento e de promessas; no seu futuro, mas, sobretudo, no *presente*. Maria, num certo sentido, “inventa” o presente, o momento no qual cada coisa se realiza. Maria, de fato, é o *eis-me-aqui*, é o *aqui-e-agora*, é a guardiã do instante, aquela que introduz e funda, na história, a importância da decisão humana no presente; a decisão de Maria possibilitou a encarnação: cada decisão que se encarna, que realiza algo, que constrói, é um ato mariano.

Além disso, há no *Magnificat* um conteúdo: uma nova ordem da história e das coisas que, já presente em Maria, está confiada à nossa realização. No *Magnificat*, Maria não se perde em detalhes, não dá importância às pequenas contingências, não se preocupa com as dificuldades, mas *distingue claramente o projeto de Deus de todo o resto*. Assim o político, como Maria, deve ser grande, deve assumir a responsabilidade e a missão. O político da unidade não se deixa sufocar pelas pequenas rixas, pelos pequenos males que nunca faltam. Mas vive à altura do bem comum que lhe foi confiado, e – graças à unidade com aqueles que partilham o seu ideal – sabe reconhecê-lo sempre, distinguindo-o da confusão, da névoa que freqüentemente se cria na atividade cotidiana. Maria, que é uma de nós, representa a certeza de que isso é possível. Assim como em Maria não foi impossível o projeto imenso de ser mãe do Filho de Deus, também não existe projeto político tão grande que não possa ser realizado. Em Maria já

estava presente tudo aquilo que muitos pensadores reivindicaram a favor da grandeza do homem e das suas tarefas – às vezes, até contra Deus.

Enfim, no Magnificat, encontramos um *método*. Maria *já é* aquilo que ela quer realizar. De fato, ela diz: “Porque o Todo-Poderoso *fez para mim* coisas grandiosas” (Lc 1,49). O político deve “ser já”: não pode adiar a própria transformação interior para depois, para quando o seu objetivo tiver sido alcançado e a sociedade, transformada; não pode fazer o mal, mentir, usar a violência, aceitar a corrupção, encontrando justificativas na situação de conflito e pensando que depois, quando a batalha tiver terminado e o sucesso tiver sido alcançado, tudo se transformará. Maria ajuda a superar a tentação da violência e explica que antes – e continuamente – é necessário vencer a “grande batalha”, a verdadeira mãe de todas as batalhas: aquela contra si mesmo. Por isso, os políticos da unidade se ajudam entre si para “serem novos” antes de agir, para purificar, no relacionamento entre si, as intenções e as idéias, para recolocarem-se continuamente na atitude de serviço e de amor.

#### Vida com o Filho – a atuação política

O nascimento de Jesus abre, para Maria, a época da realização e dos frutos. Também essa fase é bem conhecida pelo político, que a um certo ponto começa a ver os resultados do próprio empenho; imerso na atividade, ele deve, dia após dia, entender, pensar, decidir. Dois episódios da vida de Maria são ricos de ensinamentos a esse respeito.

Por ocasião da apresentação do pequeno Jesus no templo, o velho Simeão dirige ao menino e aos pais palavras que suscitam assombro: “Este menino será causa de queda e de reerguimento para muitos em Israel. Ele será um sinal de contradição – e a ti (diz a Maria), uma espada traspassará tua alma! – e assim serão revelados os pensamentos de muitos corações” (Lc 2,34-35). Sucessivamente, é o próprio Jesus com 12 anos que, depois de separar-se dos

pais no Templo, parece distanciá-los de si ao reivindicar a obediência a um Pai que não é José.

Maria, sublinha o evangelista Lucas (2,51), “guardava todas estas coisas no coração”. O verbo grego usado por Lucas significa, porém, diferentemente de muitas traduções comuns, “juntar”: Maria se encontrava diante de diversos sinais referentes a Jesus, que resultavam em algo pouco fácil de se compreender, difícil de interpretar. E ela, justamente, procurava “juntar” coisas que pareciam incompatíveis.

“Juntar” é o que Maria fez a vida inteira. Ao político é pedida exatamente essa atitude quando ele se encontra diante de necessidades e interesses conflitantes entre si, e deve encontrar o caminho da unidade; ele deve descobrir o modo de tirar aqueles elementos do conflito e recompô-los em um projeto mais amplo de bem. Maria não desprezou os sinais que não entendia; também o político deve saber estar – e, às vezes, longamente – numa situação de incerteza, com as feridas abertas, trabalhando de maneira que possa “juntar” os fatos; e resistindo, muitas vezes, às pressões cotidianas que lhe exigem uma tomada de posição clara, que talvez ele não possa assumir porque o respeito pelo problema não lhe consente tal atitude. É difícil explicar coisas complexas; é mais fácil e mais satisfatório fazer declarações categóricas, que arrastam a multidão e satisfazem uma parte, do que ajudar a refletir e a dar crédito também à parte contrária.

Mas esse é o modo do agir político verdadeiro, o modo de pensar da unidade, o pensar de Maria. Já Platão tinha comparado a ação do político àquela de um tecelão, que desata os nós, combina os fios segundo a natureza e a cor de cada um, e compõe assim, aos poucos, um desenho de unidade, que se revelará maravilhoso quando a opinião pública souber distingui-lo, mas do qual o político vive todas as dificuldades.

É o exemplo do tapete ou de um bordado, dado muitas vezes por Chiara Lubich: na parte de cima, o desenho é maravilhoso; na parte de baixo, vê-se a

trama sofrida dos fios e dos nós: apresentam o trabalho do político, que teve de pensar não somente na sua própria posição, mas também no lugar dos outros no conjunto do bordado.

Maria ensina ao político como “colocar-se debaixo”: porque é isto que, na maior parte das vezes, lhe é pedido.

Maria desolada – a realização do político

Maria conhece a desolação quando, impotente, permanece aos pés da cruz de Jesus; e quando o recebe, morto, novamente no seu colo. É a imagem que inspirou a Pietá de Michelangelo; mas, sobretudo, é aquela realidade, vivida por Maria, que a fez irmã de todos aqueles que viveram momentos análogos, nos quais o tormento se torna ainda mais agudo devido à inocência do sofrimento.

O político conhece verdadeiramente Maria quando vive, como ela, a desolação; quando os outros destroem aquilo que ele construiu trabalhando duramente, quando os horizontes se fecham e o político fica mais do que só: dentro dele permanece dolorosamente a marca viva daquilo que construiu, mas da qual, externamente, existem as ruínas mortas.

De Maria o político aprende a força e a fidelidade: no meio do desastre, ela está de pé. Tudo parece perdido, mas ele ainda espera, ainda crê. Aconteça o que acontecer, não abandona ninguém. Reúne os amigos do filho e, salienta Chiara, preside a assembléia deles.

Somente Maria podia fazer isso porque só ela tinha, em si, a “fôrma” do filho, já que o carregou no próprio seio; somente ela é guardiã do desígnio do filho, e é capaz de guiar.

Assim também o político. Quando o bem comum parece ter sido traído e estar distante, quando todos os outros parecem perder a esperança de realizá-lo, o político da unidade não abandona o empenho. Porque o verdadeiro político tem, como Maria, uma “fôrma” em si, a fôrma de uma idéia, de um projeto, que não é outra coisa senão a fôrma daquele particular semblante da humanidade

que o chamou e que ele descobriu, dentro de si, como a própria missão. Esse projeto é dele, e não pode ser destruído, dentro dele, por nenhuma circunstância e por nenhuma derrota, porque faz parte da natureza dele; somente ele pode decidir renunciar ao próprio dever: é uma tentação, um erro no qual pode cair se der mais importância ao que está “fora” dele do que no próprio “interior”. Maria ensina a resistir, a permanecer fiel, a crer no amor.

Assim como Maria, a política autêntica não abandona, mas acompanha sempre aqueles que sofrem. O político da unidade sabe estar onde existe o sofrimento; e, como Maria, que nos revela o que é mais autenticamente humano nas condições de maior dificuldade, não projeta a vingança, não cede ao ódio, mas reconstrói. O político que vive dessa maneira a sua desolação se torna centro de esperança; reúne os seus e atrai as pessoas mais bem intencionadas, que reconhecem nele alguém que conservou, por elas, o desígnio da política.

Espelhando-se em Maria, o político aprende a interpretar todas as etapas da própria existência como as etapas do caminho que Maria lhe oferece para percorrer junto com ela. Assim ele saberá, em cada momento, onde se encontra, qual o sentido daquilo que está vivendo. E reconhecerá sempre, para além da inquietação cotidiana, o fio de ouro da própria existência.